

Os ex-votos e seus enigmas: notas para leitura de uma tese

Ex-votos and their mysteries: observations for the reading of a PhD-Thesis

Ênio José da Costa Brito*

“Ex-votos são expressões de amor
criadas pelos agraciados e milagrados
que retribuem sua gratidão
do bem espiritual recebido”.

“Ex-votos são imagens estéticas, estetizadas,
interlocutoras dos milagres”.
(Aninha Duarte)

“*Ex-votos e poiesis: representações simbólicas na fé e na arte*” é o título, muito bem achado, da tese de doutorado de Ana Helena da Silva Delfino Duarte em História Social, defendida no Programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aos nove de dezembro de 2011.¹

Aninha Duarte oferece ao leitor a oportunidade de mergulhar no imaginário artístico-religioso individual e coletivo da população brasileira, proporcionando uma viagem fantástica, repleta de surpresas, pelo Brasil e pelo exterior.² O enfoque etnográfico e a abordagem comparativa se constituem em autênticos facilitadores da percepção e compreensão dos ex-votos, dessas práticas anônimas que se mantêm ao longo do tempo teimosamente, fazendo memória da vida e revelando a vulnerabilidade da condição humana. Para a autora,

“não ficam dúvidas de que os ex-votos, nas suas diversidades, denunciam o desamparo do homem, ainda herdeiro de uma cidadania fragilizada, só garantida ou assistida tacitamente nas páginas da Constituição Federativa

* Professor do programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, <brbrito@uol.com.br>.

¹ A Banca Examinadora foi composta pelos professores doutores João Adolfo Hansen, Alex Moreira Carvalho, Fernando Torres Londoño, Ênio José da Costa Brito e Yvone Dias Avelino (orientadora). A tese teve uma co-orientadora, em Portugal, a Doutora Laurinda Abreu, da Universidade de Évora.

² Aninha Duarte é o nome artístico da autora, com vasta experiência no mundo das artes plásticas. Daí sua utilização no texto no lugar do sobrenome, como é de praxe.

Brasileira, mas que não é garantida ainda na prática, ou de forma que deveria ser garantida pelo Estado.³

Tendo participado do amplo diálogo ocorrido no dia da defesa, quero partilhar, neste breve artigo, algumas anotações realizadas por ocasião da leitura da tese e de sua defesa pública. Anotações que serão reunidas em torno de dois núcleos, o primeiro congregando observações de cunho mais geral e o segundo centrado nos capítulos, trazendo pontuações, temas para reflexão, informações e breves sínteses. A tese, no seu conjunto, abre um amplo diálogo com as Ciências da Religião, especialmente, com os que desejam compreender um pouco mais a fundo a religiosidade popular brasileira.

I. Anotações de leitura

Ex-votos são representações objetivadas da fé. Na tese, a autora analisa ex-votos no âmbito da fé católica, expressos em diferentes linguagens visuais materializadas em esculturas, pinturas, desenhos, fotografias e objetos diversos, utilizando os mais diversos suportes.

“*A pesquisa ilumina os ex-votos que estão reunidos nas salas de promessas sobremaneira na Sala de Promessas do Santuário de Nossa Senhora Aparecida-SP*” (p. 123), induzindo o leitor a formular novas perguntas, que ultrapassam as clássicas dicotomias presentes nas teorias sobre as relações entre religião e sociedade, entre sagrado e profano, entre religião e arte, entre religião e mercado e ainda entre objetos e sujeitos de investigação. Perguntas que possibilitam uma recepção renovada dos dados colhidos, numa vastíssima pesquisa realizada em santuários do Brasil e do exterior, como Montemor, Évora e Elvas, em Portugal, e apresentados por Aninha Duarte. Com esses dados, o texto ganha uma forte plausibilidade e deixa transparecer a conaturalidade e a sensibilidade da autora para com o tema estudado.

A autora acertou na escolha da Sala de Promessas do Santuário de Nossa Senhora Aparecida para sediar boa parte da pesquisa relacionada com os ex-votos, pelas características marcantes da mesma: ecletismo, hibridismo e atemporalidade (p. 276). A Sala de Promessas, além de expor o maior número de ex-votos em suas diferentes linguagens (p. 379), é um autêntico autorretrato da fé católica brasileira. O rico material iconográfico apresentado dá um suporte todo particular ao texto e um sabor especial à leitura.

³ A. H. da S. D. DUARTE, *Ex-votos e poiesis*, p. 271-272. A seguir, nas citações do texto, indicaremos apenas a página da tese.

Na tese, forma e conteúdo estão em sintonia, confirmando uma vez mais o que diz Aristóteles, “*a forma é a alma da matéria*”.⁴ Sintonia refletida na estrutura do texto, dando a ele coesão e coerência, deixando transparecer uma dinâmica interna que se faz presente tanto no âmbito geral, quanto nos capítulos. Dinâmica que pode ser ilustrada com um exemplo retirado do capítulo segundo, intitulado, *Agradecimentos-ex-votos: representações, significações e análises de imagens* (p. 123-279). Nele, a autora capta, com precisão cirúrgica, o movimento presente na imagética dos ex-votos, que se deslocam da pessoalidade à impessoalidade, como nos relembram dois subtítulos do capítulo, *Ex-votos: testemunhos de gratidão* e *Objetos: “meras coisas”, “ready made” e “trouvé” – os mimetismos dos ex-votos* (p. 123-213).

O tema escolhido, as múltiplas formas de representações simbólicas da fé católica materializadas em ex-votos, é de uma riqueza impar, não só pela diversidade de expressões – ex-votos pictóricos, ex-votos escultóricos, fotografias entendidas como ex-votos, objetos do cotidiano, “meras coisas”, e cartas votivas –, como pela forte carga comunicativa que trazem no seu bojo, comunicação com o sagrado, comunicação com o público e comunicação com os outros ex-votos.

No conjunto, “*Ex-votos e poiesis: representações simbólicas na fé e na arte*” se apresenta como um texto erudito – o adjetivo é aqui empregado no seu sentido positivo – interdisciplinar, característica presente no diálogo entre religião e cultura, arte e estética e religião e arte. Interdisciplinaridade reconhecida pela autora, ao afirmar: “*busquei arrimo na literatura oferecida no mestrado e doutorado na história, fazendo conexão interdisciplinar desses conteúdos*” (p. 371). Outra característica é o nítido perfil epistemológico que se faz presente nos inúmeros critérios oferecidos para análise tanto do campo estético quanto religioso. Apontamos alguns: um objeto industrializado é mera coisa. Para ser qualificado como ex-voto ou como categoria artística, precisa estar em “*espaços-sujeitos*” (p. 209); os métodos não são receitas interpretativas, mas arrimos para se pensar e aproximar do objeto e, em determinadas passagens, deixa entrever que observação e interpretação não são coisas separadas, mas algo não claramente distinto e intrinsecamente indissociável.

A tese oferece pistas para refinar a discussão no âmbito da cultura popular e da arte. Com relação à arte, afirma: “*não importa qual seja sua ‘categoria’, se a motivação é de cunho religioso ou político. Importa é o que ela denuncia ou anuncia, a sinceridade dos temas, a maneira de lidar com eles independente de tantos ‘estatutos’ vindo de uma cartilha crítica ditada*” (p. 305). Enfim, uma tese generosa pelas múltiplas veredas para pesquisas futuras que descortina.

⁴ Para a autora, como para Efraim Almeida, “não seria possível o material se render à forma, a não ser à custa de muito manuseio, isto é, de muito trabalho” (p. 330). Para Aninha Duarte, como para Efraim Almeida, cuja produção artística de ex-votos é apresentada na tese (p. 328-338), a criação artística passa por muito trabalho.

II. Os capítulos em revisão

O capítulo primeiro, intitulado *Devoção-fé-esperança: atribuições simbólicas religiosas e fé católica* (p. 36-122), traz esta afirmação sobre a romaria, retirada do livro de Rubem César Fernandes, *Romarias da Paixão*:⁵ “rito antigo, a romaria é pre-nhe de atualidade”. Tomo esta passagem como mote para tecer alguns comentários.

Rito antigo, sendo a peregrinação mais antiga que a romaria, vale lembrar que o termo “peregrino” tem matriz latina “peregrinus”, cujo significado é estrangeiro. A ideia presente no termo é a do estrangeiro que caminha por terras não conhecidas. O termo romaria se refere ao cristão que se dirigia a Roma.

A peregrinação realizada à moda antiga, tradicional, evoca, pois, uma forma antiga e perene de viver a espiritualidade e pode ser interpretada como uma crítica ao modo de vida contemporâneo. Crítica que tem sua fonte não nos dogmas religiosos ou morais, mas na performance dos corpos, emoções e afetos. Dois estudos recentes confirmam essa interpretação. O primeiro, de Marcelo João Soares de Oliveira, intitulado *A peregrinação e seus enigmas: o desvendamento no encontro do devoto com o “santo vivo” rumo ao santuário de São Francisco do Canindé*.⁶ O autor afirma: “o estudo, embora fundamentado na religiosidade, deflagra a situação de abandono social em que se encontra o peregrino, o que justifica a investigação das causas que o levam a se reunir em um grande grupo, cujos integrantes se ligam pela fé no santo vivo”.⁷

O segundo, uma pesquisa em andamento, de Francisco Pinheiro de Assis, sobre a religiosidade dos seringueiros do Acre. Dentre as peregrinações que ocorrem no Estado, a que é feita ao túmulo de Santa Raimunda do Bom Sucesso, uma seringueira morta enquanto trabalhava nos seringais acreanos, é a mais concorrida. Santa Raimunda não foi canonizada pela Igreja católica, mas pelo povo. Os depoimentos dos devotos colhidos por Assis deixam transparecer a mesma crítica aos responsáveis por não oferecerem condições de vida melhor para a população.

Rito novo, a peregrinação (romaria) é uma prática religiosa extremamente porosa, que tem facilidade de incorporar a diversidade de cultos e discursos ajeitando práticas e enfoques diferentes numa mesma dimensão simbólica.

O capítulo primeiro chama atenção por mostrar uma multiplicidade de discursos e universos simbólicos, não só no sentido de ser multidimensional, mas também de receber, acomodar e responder a demandas mais diversas, tanto religiosas quanto profanas.

⁵ R. C. FERNANDES, *Romarias da Paixão*.

⁶ Cf. M. J. S. OLIVEIRA, *A peregrinação e seus enigmas*.

⁷ M. J. S. OLIVEIRA, *A peregrinação e seus enigmas*, p. 5.

Não se pode esquecer a dimensão desafiadora da peregrinação. Ela pede uma inserção num novo universo discursivo que leva o peregrino a testar seus antigos valores, crenças e discursos, abrindo a possibilidade de confirmá-los ou transformá-los, dado que recoloca em pauta um dos desafios dos pesquisadores: dar o devido valor ao discurso dos peregrinos/romeiros, observando e escutando atentamente o que eles afirmam ter sentido e vivenciado.

A peregrinação é uma “*viagem mais dilatada*”.⁸ É uma atualização do *topos* Vita/Via, a vida enquanto caminho. Em geral, a peregrinação é vivenciada como um extraordinário ritual.

Alguns tópicos mereceriam ser mais explorados no capítulo, como a dimensão multicultural e multirreligiosa tão presentes nas peregrinações/romarias e a definição de religião entendida “*na perspectiva da expressão do sentir, tendo como objeto de análise a fé religiosa católica, no que diz respeito à crença em promessas, graças, milagres, romarias e ex-votos*” (p. 68). Imaginário é outro conceito onipresente não só neste capítulo, mas em toda a tese, que poderia receber um aporte especial. As referências ao imaginário se multiplicam, seja quando se trata da doença e da cura (p. 242), do processo de criação artística (p. 348) ou quando, num questionário, a autora pergunta às pessoas: “*qual o seu ponto de vista sobre esses imaginários da religiosidade ‘católica popular’ muitas vezes milenar, que cada vez mais são re-inventados no cotidiano do homem contemporâneo?*” (p. 361).

No segundo capítulo, intitulado *Agradecimentos-ex-votos: representações, significações e análises de imagens*, a autora convida-nos para ver, no sentido de ver por dentro, isto é, em profundidade, os ex-votos. No fundo, um convite a imitar o seu olhar, pois ela realizou isto muito bem ao examiná-los tanto sob a dimensão estética quanto religiosa.

Sobre sua a leitura da dimensão religiosa dos ex-votos, realizada com cuidado e perspicácia, sente-se ainda a presença de traços acentuadamente jurídicos. Não se trata de negá-la, mas seria importante ressaltar, na interpretação, diferenças encobertas, isto é, tornar dessemelhante o que o olhar desavisado assemelha, na expressão de Mariza Soares.⁹

Na tese, temos várias sinalizações para a necessidade de explicitar uma outra lógica presente nos ex-votos. Algumas passagens da tese relembram que os ex-votos brotam de necessidades profundas, que eles são imagens autobiográficas. Daí, a importância de se ver, nessas práticas e, poder-se-ia acrescentar, nas atitudes penitenciais dos peregrinos, não apenas a dimensão jurídica. Os devotos,

⁸ J. G. ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 23. Tomo emprestada a expressão, usada por Riobaldo quando aconselha seu interlocutor a realizar uma viagem mais dilatada para que possa entender a região.

⁹ Ideia expressa por M. SOARES, *Devotos da Cor*.

os peregrinos se sentem acolhidos pela divindade, pelo santo, pela santa.¹⁰ Esta experiência amorosa é uma das responsáveis pelos “excessos” que ocorrem muitas vezes nestas manifestações.

Bem no início da tese, nos deparamos com uma sinalização nessa direção quando a autora afirma que a somatória dos três capítulos “*permitted ver nos ex-votos imagens ambivalentes, que nasceram do apelo, desespero, drama e medo e se tornaram objetos-dádivas. Dádivas divinas para com os promesseiros e dádivas dos promesseiros para com o divino*” (p. 35). Sabemos que o termo “dom” vincula-se à noção de dádiva, de doação natural, desprovida de qualquer merecimento explícito. O dom explica-se por si.

Num outro tópico, comentando a influência do meio geográfico na motivação e no estilo das peças, refere-se à presença do corte “africano”. “*Era inevitável que essas contaminações da arte mágica negra refletissem diretamente na estatuária dos ex-votos nordestinos. A partir deles, esse estilo africano proliferou para os demais estados, e foi se diluindo, em parte, em relação à sua força original*” (p. 184). Relembra, em seguida, a produção de imagens de santo por escravizados no período colonial.

Temos nessa produção uma pista para compreender o catolicismo vivido pelos escravizados no Vale do Paraíba, na segunda metade do século XIX.¹¹ O Museu Afro Brasil tem no seu acervo várias imagens de Santo Antônio no nó de pinho. Os escravizados colocaram suas concepções de mundo e suas tradições nessas imagens. Os estudiosos observam que essas imagens deixam transparecer um processo de tradução de uma cultura pela outra, pois as imagens de Santo Antônio no nó de pinho reproduzem elementos formais e estéticos empregados na feitura dos “*ndop*” e dos “*minkisi*” bakongo.¹²

Muito bem explicitada a tensão vivida pelos promesseiros. Ao apresentar a Sala de Promessas, três afirmações deixam claro serem elas espaços de conflitos sociais, das múltiplas carências e necessidades humanas, sejam elas materiais ou espirituais. Coloco junto as afirmações para que o leitor possa também constatar o que acabamos de afirmar. “*A sala de Promessas pode ser vista como um espaço e um ‘lugar antropológico’ por criar identidades e fomentar relações interpessoais de fé*” (p. 211); em seguida, afirma, “*não ficam dúvidas de que os ex-votos nas suas diversidades denunciam o desamparo do homem que não atingiu a cidadania plena*”; e

¹⁰ Cf. F. T. LONDOÑO, *Devoções populares: cotidiano e memória*. In: *PUC-viva Revista*; F. T. LONDOÑO, *As devoções e o ser religioso do Brasil*. In: *Tempo-presença*.

¹¹ Cf. M. C. SAVIETO, *Catolicismos crioulistizados*. A pesquisa aborda, através da estatuária de santos católicos denominados nó de pinho, a vivência sui generis do Catolicismo no Vale do Paraíba ao longo do século XIX.

¹² Para maiores informações sobre esta fascinante experiência estético-religiosa, ver E. ARAÚJO, *Os herdeiros da noite*; M. de M. SOUZA, *Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro*. In: *Tempo*.

um pouco adiante: “as salas das promessas expõem uma série de experiências religiosas profundas” (p. 279).

No começo de janeiro deste ano tive a oportunidade de visitar, numa manhã ensolarada, o Santuário do Padre Ibiapina, em Santa Fé (PB). Na sala das promessas, composta por três pequenos quartos, dezenas de fotografias cobriam as paredes rústicas. A sensação foi a mesma: “*as salas das promessas expõem uma série de experiências religiosas profundas*”.¹³

Padre Ibiapina, “*em 20 anos, realizou uma obra de gigantes em condições de pobreza e no meio de tantos obstáculos numa região tão castigada e tão abandonada*”, nas palavras de José Comblin.¹⁴

Relembro dois textos que Aninha Duarte lia com prazer e que trariam contribuições para alguns tópicos presentes no segundo capítulo. O primeiro de Augusto de Lima Júnior, *História de Nossa Senhora em Minas Gerais. Origens das principais devoções*, reeditado recentemente para alegria dos pesquisadores das devoções populares. A edição comentada é coordenada por Francisco Eduardo de Andrade e Mariza Guerra de Andrade. Nas palavras do neto de Augusto Lima Júnior, o jornalista Aristóteles Drummond: “*o livro não se destina apenas aos católicos, nem somente aos mineiros, mas a todos que apreciam a arte religiosa, parte significativa da cultura do Brasil, como de resto, no mundo inteiro*” (DRUMMOND, Contracapa, In: JÚNIOR, 2008).¹⁵ No capítulo, ao referir-se aos riscos no parto (p. 247), menciona a morte das crianças. Um dos estudos mais completos sobre o tema da morte infantil no século XIX e da visão daquela sociedade é de Luiz Lima Vaitali, *A morte menina. Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos*. Vaitali não só reescreve uma história da morte infantil, mas o que o leitor tem em mãos é a história da infância em estreito cruzamento com a história da família. Para recuperar a materialidade das práticas sociais relacionadas com a morte das crianças na sociedade brasileira que se urbanizava e modernizava no século XIX, o autor elegeu como fio condutor a temática da “*reconstituição dos significados*,

¹³ Em 2008, Ernando Luiz Teixeira de Carvalho lançou um texto que restaura a integridade do velho Documento de Santa Fé, texto que narra a vida e a ação missionária do Padre Ibiapina (E. L. T. de CARVALHO, *A Missão Ibiapina*). José Comblin comenta que o autor, “com um admirável trabalho filológico e histórico, comparando as duas redações do documento perdido que narra a vida e a ação missionária de Ibiapina, reconstitui uma versão que parece ser a mais próxima do texto original” (cf. J. COMBLIN, Apresentação. In: E. L. T. de CARVALHO, *A Missão Ibiapina*, p. 11).

¹⁴ J. COMBLIN, Apresentação. In: E. L. T. de CARVALHO, *A Missão Ibiapina*, p. 12.

¹⁵ A. de L. JÚNIOR, *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*.

valores e sentidos que a sociedade brasileira nesse período e no início do século XX atribuiu à morte das crianças”.¹⁶

Ao longo da leitura do capítulo III, intitulado *Criações e ressignificações: sentidos e expressividades no espaço religioso da arte*, o autor observa que

apresentam-se informações sobre os artistas que produziam os ex-votos, os chamados “riscadores do milagre” e também artesões que trabalharam as esculturas votivas... O capítulo aborda também a circularidade e reciprocidade existentes entre arte e cultura “popular” e “instituída”, influências, reflexos e apropriações, tendo os ex-votos como referências para criações poéticas de alguns artistas plásticos. Para fazer essa interlocução, são tomadas emprestadas algumas obras de Efrain Almeida, Farenese de Andrade e trabalhos plásticos da autora desta tese, que, sem sombra de dúvidas, foram os responsáveis originários pela existência desta pesquisa (p. 34-35).

A longa citação se justifica pela importância do capítulo e por trazer a autoanálise da autora de seu próprio fazer estético, o que não é muito comum em trabalhos acadêmicos, mas que, no caso, calhou muito bem.

O capítulo deixa entrever a inquietude estética dos artistas Efrain Almeida, Farenese de Andrade e Aninha Duarte, que travaram e travam um diálogo com a cultura popular, mostrando, ainda, como as pessoas sabem preservar as tradições, guardar o passado e ao mesmo tempo inová-las, criando diferentes vínculos com as histórias dos ex-votos ao longo de seus processos criativos (p. 380). No âmbito pessoal, o capítulo proporcionou-me uma viagem nostálgica à minha infância. O que Aninha Duarte descreve me é muito familiar. Confesso que, ao ler as descrições de hábitos e costumes da pequena cidade de São Francisco de Sales, situada no município de Frutal (MG), comecei a ficar preocupado. A autora falava de tudo, menos dos cartuchos que não podiam faltar em nenhuma festa importante, na minha cidade natal, Virginia (MG). Felizmente, eles apareceram: “*Cartuchos coloridos cheios de doces, frangos cheios de farofas e leitões assados, davam o cheiro do espaço, que era enfeitado com folhas de coqueiros e iluminados com lampiões e lamparinas*” (p. 347).

A leitura do capítulo é envolvente e convida o leitor a identificar-se com a autora. Tanto é verdade que Aninha Duarte confirma este envolvimento, recorrendo a Nelson Rodrigues: “*Eu gosto muito de falar de mim mesmo. Sempre que conto uma experiência pessoal, sinto que nasce entre mim e o leitor, toda uma identificação*

¹⁶ L. L.VAILATI, *A morte menina*, p. 22. Maria Helena Toledo Machado, no Prefácio, afirma que o autor “reconstrói concepções, formas de viver e de morrer há muito perdidas por nós contemporâneos, cada vez mais temerosos dos registros definitivos” (cf. p. 15).

profunda. É como se através de meu texto escrito, tocássemos um imaterial aperto de mão” (p. 372).

Ao longo da leitura, a imagem que se fez presente inúmeras vezes na minha mente foi a de uma foz que recebe uma grande quantidade de água, no caso, inúmeras ideias e vivências represadas ao longo da tese, especialmente no segundo capítulo. Escolho duas ideias apenas para comentar.

A potencialidade dos ex-votos que se fazia presente já nos dois primeiros capítulos, neste último, jorra com força. Potencialidade cultural-estética-religiosa que, na sua simplicidade figurativa, é capaz de influenciar artistas de diferentes gerações, localidades e estilos. Mesmo tendo descortinado para o leitor novas facetas dos ex-votos, a pergunta ainda permanece, deixando frestas para novas pesquisas: que enigma escondem os ex-votos?

Um movimento realizado com destreza e sensibilidade pela autora, movimento que traz no seu bojo um alto risco, é o que mostra a autocompreensão de seu trabalho artístico: de uma lírica recordação de infância para a percepção do sentido social, histórico, antropológico, presente nas suas obras artísticas. Explícitou sentidos, falou desses processos que, ao longo do tempo, deram identidade ao seu trabalho com serenidade, sem deixar de ser crítica.

Adélia Bezerra de Menezes oferece-nos a chave para compreender esse deslocamento realizado pela autora. Diz ela: *“E se é verdade que há um paralelo entre Vita/Via, há também um outro, instigante, que é entre a Vida e a Palavra, ou melhor, entre a Vida e a linguagem”*.¹⁷

Acompanhar esse deslocamento é ter presente que a memória exerce o papel de mediadora entre um passado já vivido e um futuro a ser vivido.

Uma palavra final

Finalizo repetindo as palavras de Fernando Torres Londoño, um dos arguidores: as questões apresentadas pela autora são um sintético resumo do que será tratado nas trezentas e noventa e sete páginas do texto. Vamos, pois, a elas:

- Todo e qualquer objeto pode vir a ser um ex-voto ou uma obra de arte?
- É o espaço que dá caução ao significado do objeto?
- É possível vermos os ex-votos, além de testemunhos dos “milagres”, como objeto estético a ser analisado e compreendido no campo das Artes Visuais?

¹⁷ A. B. de MENESES, *As cores de Rosa*, p. 24. Texto escrito com uma refinada sensibilidade sobre a obra de João Guimarães Rosa. O romance *Grande Sertão: Veredas* é lido como uma longa sessão psicanalítica de Riobaldo, que busca sentido para o vivido. Contos como Madraga, Buriti, e Dãodalalão são analisados com engenho e arte.

- A descontextualização do ex-voto de seu espaço religioso abre possibilidades para reconhecê-lo também como objeto de arte-esculturas, pintura ou desenho?
- A circularidade cultural apreende a influência dessa religiosidade na obra de arte?
- Os objetos votivos, principalmente as “tabuinhas votivas” pictóricas, podem ganhar dimensão de documento e fonte histórica?
- As tramas que envolvem a materialização de um ex-voto, como promessas, romarias, performances de sacrifícios dos corpos são necessários para o recebimento de uma graça?

Ao longo dos capítulos, o leitor vai, juntamente com a autora, respondendo a esses questionamentos. Lentamente, constata que os ex-votos, além de agregar o pedir, o pagar, o prometer, também dão *testemunho*, socializando, assim, a graça recebida.

Deixo um convite à leitura e finalizo com as palavras de uma estudiosa dos ex-votos, Julita Scarano. Diz ela:

O ex-voto pode ser visto como uma celebração da vida. Manifesta a alegria, o agradecimento pela graça que afastou a morte e trouxe a cura dos males. Possui, assim, ao mesmo tempo, um aspecto grave e festivo. Mostra a vitória das realidades sobrenaturais sobre o Mal que atinge os seres humanos.¹⁸

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Emanuel. *Os herdeiros da noite: fragmentos do imaginário negro*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1995.
- CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *A Missão Ibiapina*. Passo Fundo: Gráfica Editora Berthier, 2008.
- COMBLIN, José. *Apresentação*. In: CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *A Missão Ibiapina*. Passo Fundo: Gráfica Editora Berthier, 2008.
- DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. *Ex-votos e poesis: representações simbólicas na fé e na arte*. Tese de doutorado em História Social defendida no Programa de História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JÚNIOR, Augusto de Lima. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Origens das principais devoções. Belo Horizonte: PUC Minas/Autentica Editora, 2008.

¹⁸ J. SCARANO, *Fé e milagre*, p. 124. O estudo de Julita Scarano possibilita não só aproximar-se da fé dos fiéis, mas, também, da vida material e cotidiana na Colônia.

- LONDOÑO, Fernando Torres. Devoções populares: cotidiano e memória. In: *PUC-viva Revista* (1999).
- LONDOÑO, Fernando Torres. As devoções e o ser religioso do Brasil. In: *Tempo-presença* (março/abril, 2000).
- MENESES, Adélia Bezerra de. *As cores de Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *A peregrinação e seus enigmas: o desvendamento no encontro do devoto com o “santo vivo” rumo ao santuário de São Francisco do Canindé*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- SAVIETO, Mônica Carolina. *Catolicismos crioulizados: presença centro africana na região do Vale do Paraíba (SP)*. Tese de Mestrado em História Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- SCARANO, Julita. *Fé e milagre. Ex votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SOARES, Mariza. *Devotos da Cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro – Século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SOUZA, Marina de Mello. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. In: *Tempo*, n. 11 (Rio de Janeiro):171-188.
- VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina. Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos*. (Rio de Janeiro e São Paulo) São Paulo: Alameda, 2010.

Recebido:02/04/2012

Aprovado: 12/04/2012